

Duas palavras sobre a história deste livro e a sua circunstância^{*}

Quando este livro nasceu tinha eu trinta anos. E Portugal vivia ainda sob a ditadura fascista, na altura sob a ‘chefia’ de Marcelo Caetano.

Os textos que escrevi destinavam-se a ser publicados na revista *Vértice*, uma revista de inspiração marxista que na altura se publicava em Coimbra, onde nascera no início dos anos 40 do século passado. Como todas as publicações periódicas, a *Vértice* estava sujeita à *censura* prévia. E nunca pôde assumir-se como revista de inspiração marxista. Dizia-se “Revista do racionalismo moderno”...

Os textos foram, pois, escritos com a certeza de que iriam ser apreciados pela censura, que era, no caso da nossa revista, particularmente dura. Para conseguirmos publicar um número tínhamos de preparar material que daria para dois ou três números, tal o volume dos cortes do lápis vermelho da Comissão de Censura de Lisboa (o regime não confiava nos burocratas que em Coimbra exerciam a função de polícias do espírito).

Era difícil, por vezes desesperante, escrever para a censura. O esforço para escapar à tesoura dos censores nota-se em algumas formulações redundantes (às vezes poderão parecer ‘ingénuas’), na busca recorrente da autoridade de certos professores, no subentendido de uma ou outra observação crítica, no ar vago de certas conclusões, na referência indirecta a certos autores ou a certos livros. Mas as marcas maiores ficavam dentro de nós, que sofriámos aquele vexame.

Por outro lado, a censura impunha que os textos fossem enviados para Lisboa já em provas tipográficas, isto é, já com o encargo financeiro de uma grande parte dos custos da produção industrial da revista. Era mais uma arma do salazarismo para asfixiar as publicações desafectas ao regime. Como revista militante que era, a *Vértice* não podia sucumbir (e não sucumbiu, apesar das inúmeras dificuldades por que passámos). Mas cada

^{*} Nota de apresentação escrita pelo Autor para a edição brasileira de *Do Capitalismo e do Socialismo*, edição da Fundação Boiteux, Florianópolis, 2008 (com Prefácio do Prof. Doutor Gilberto Bercovici).

um de nós tinha a clara noção de que nem valia a pena tentar abordar certos temas e sabia que não podia carregar nas tintas dos textos que íamos escrevendo, porque cada corte na censura era mais uma dificuldade na vida da revista.

Por essa altura, a Comissão de Censura cortava, regularmente, uma boa parte dos textos assinados com o meu próprio nome. Usei um ou outro pseudónimo, um deles foi o nome do meu avô paterno (Joaquim Martinho), falecido há alguns anos, analfabeto como nascera. Neste caso, resolvi assinar apenas A. A..

O Dr. M. F. Pereira Ramos parece não ter tomado consciência desta minha circunstância, sublinhando, com algum desagrado, o facto de eu ter assinado simplesmente A. A.. Nunca o conheci pessoalmente. Espero que ele não tenha pensado tratar-se, da minha parte, de um gesto de sobrançeria, desprezando a importância do tema ou o facto de poder *conversar* com um Prémio Nobel. Pelo contrário: o tema interessava-me (e continua a interessar-me) bastante, e não é todos os dias que temos oportunidade de *conversar* em público com um Prémio Nobel. O disfarce do nome foi apenas mais uma artimanha para conseguir que os textos saíssem nas páginas da *Vértice*, trazendo para o espaço público uma *conversa* que não era uma conversa privada.

Pensando bem, talvez o entrevistador do Prof. Tinbergen tenha percebido as minhas dificuldades, porque a verdade é que foi de uma grande generosidade para com A. A., classificando a minha primeira nota a propósito da entrevista de Tinbergen como “trabalho interessantíssimo”, “uma crítica profunda às idéias de Tinbergen”, e considerando-a merecedora de ser lida e eventualmente criticada por uma personalidade do gabarito do seu entrevistado.

Devo à exemplar humildade científica do Prof. Jan Tinbergen e à sua grandeza de homem simples (são assim as pessoas excepcionais) a honra de ver um autor tão prestigiado (tinha acabado de receber o Prémio Nobel!) disposto a gastar um pouco do seu tempo para responder à prosa humilde do Sr. A. A. (assim me tratou Tinbergen). Fiquei contentíssimo, é claro. Mas apanhei um susto. Estaria eu à altura de uma resposta condigna a Tinbergen? Teria tempo para preparar uma resposta que não me

envergonhasse e prestigiasse a *Vértice*? E – questão particularmente angustiante – como iria reagir a censura?

No tempo livre das minhas obrigações de jovem docente da Faculdade de Direito de Coimbra, fui escrevendo o texto com que encerra este livro. Entretanto, a censura cortou alguns trechos. E eu reclamei. Invoquei que era um debate entre universitários, que eu ensinava estas matérias nas minhas aulas... O Director da censura respondeu-me, pondo em evidência a natureza subversiva da problemática abordada, escandalizado com o facto de nas universidades portuguesas se ensinarem tais coisas!

Mas o facto é que em 1969 os estudantes da Universidade de Coimbra tinham levado a cabo lutas fortíssimas contra a universidade autocrática e salazarista, contra o fascismo e contra a guerra colonial, lutas que terminaram com uma greve a exames que contou com a adesão de cerca de 90% dos estudantes da academia coimbrã. O reitor e o ministro da educação tiveram de ser substituídos.

Neste contexto, entendemos nós, a redacção da *Vértice*, que valia a pena arriscar nos protestos junto da Comissão de Censura de Lisboa (entretanto, sob Marcelo Caetano, a censura tinha-se ‘travestido’ de *exame prévio*...). Apesar de alguns cortes, ganhámos alguma coisa e os textos acabaram por sair na revista. Mais tarde do que teria sido possível se o país vivesse em liberdade.

Em 1972, resolvemos publicar um livro com os textos todos, integrando nos meus os cortes da censura, o que não os libertou, é claro, do estilo e do tom a que esta obrigava as suas vítimas. O livro foi incluído na *Colecção Textos Vértice*, que publicávamos em parceria editorial com a *Atlântida Editora*, uma casa que, entretanto, desapareceu do panorama editorial coimbrão e português.

Surgiu agora esta oportunidade de publicar o livro no Brasil, trinta e cinco anos depois da primeira edição. É uma honra e uma alegria que fico a dever à Fundação Boiteux (da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Santa Catarina) e ao seu Presidente, o meu Colega e Amigo Doutor Orides Mezzaroba. A outro Colega e Amigo, o Doutor Gilberto Bercovici, devo agradecer a gentileza com que respondeu positivamente ao

desafio que lhe lancei de escrever um prefácio para esta edição.

Quero crer que continuam actuais os temas que aqui se discutem. E que vale a pena continuar a reflectir sobre eles. Naquela altura, os sociais-democratas europeus consideravam ofensa suprema a acusação que lhes era feita pela esquerda marxista e comunista de que eles se limitavam à *gestão leal do capitalismo*. Hoje, este equívoco terá passado à história, porque são os próprios dirigentes dos partidos socialistas e sociais-democratas europeus a considerarem-se defensores do capitalismo (e até do neoliberalismo) no que toca à produção e do socialismo no que toca à distribuição. Dir-se-á que esta equação é uma espécie de *quadratura do círculo*, se levarmos a sério o que, desde os fisiocratas, nos ensina a teoria económica: que as relações de distribuição não podem separar-se das relações de produção. Mas não vamos abrir aqui este debate. Por isso, o texto que vem agora a lume reproduz o que foi escrito para a censura há mais de trinta e cinco anos. Limitei-me a actualizar a ortografia e a fazer pequenas alterações de forma, que deixam praticamente intacto o texto originário.

Coimbra, Julho de 2007

ANTÓNIO JOSÉ AVELÃS NUNES